

ANGELA ARRUDA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: estudos selecionados

Organizadoras

Clarilza Prado de Sousa, Romilda Teodora Ens, Lúcia Villas Bôas,
Adelina de Oliveira Novaes, Karina A. Biasoli Stanich



Fundação Carlos Chagas


PUCPRESS

**ANGELA ARRUDA E AS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:
estudos selecionados**

ANGELA ARRUDA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: estudos selecionados

Organizadoras

Clarilza Prado de Sousa, Romilda Teodora Ens, Lúcia Villas Bôas,
Adelina de Oliveira Novaes, Karina A. Biasoli Stanich


Fundação Carlos Chagas


PUCPRESS

Curitiba
2018

© 2014, Clarilza Prado de Sousa e outras
2014, Editora Universitária Champagnat
2018 – 1ª reimpressão

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

Editora Universitária Champagnat

Direção Ana Maria de Barros

Editora-chefe Rosane de Mello Santo Nicola

Serviços editoriais Viviane Gonçalves de Campos CRB 8/9251

Impressão Papel Ouro Gráfica Editora LTDA.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

A581 Angela Arruda e as representações sociais : estudos
 selecionados / Clarilza Prado de Sousa [et al.],
 organizadora. – Curitiba : Champagnat ; São Paulo :
 Fundação Carlos Chagas, 2014.
 399 p. ; 23 cm.

Inclui referências.
ISBN 978-85-7292-337-8

1. Pesquisa educacional. 2. Representação social.
3. Educação – Filosofia. I. Sousa, Clarilza Prado de.

CDD 370.78

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
---------------------------	---

ENTREVISTA CONCEDIDA À MARÍA AUXILIADORA BANCHS	15
--	----

PARTE I

Desafios da Pesquisa em Representações Sociais

Representações sociais: dinâmicas e redes	39
Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais	67
Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003.....	87
Despertando do pesadelo: a interpretação	117
As representações sociais: desafios de pesquisa	147

PARTE II

As Representações Sociais e o Imaginário Social

Brasil imaginado: representações sociais de jovens universitários	163
Dimensões do imaginário	195

Durkheim e o imaginário social	209
Super-homens e Amélias na novela Uga Uga: representações sociais em movimento?	233
O que faz o Brasil Brasil? Imaginário, crenças e representações sociais	245
O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro: negociando a diferença	261

PARTE III

Meio Ambiente, Saúde e Representações Sociais

A imprensa ecologista e a preservação ambiental: o campo da representação social	293
Novos significados da saúde e as representações sociais	315
Representações sociais e cultura no pensamento ambientalista brasileiro	327
Representações sociais e movimentos sociais: grupos ecologistas e ecofeministas do Rio de Janeiro	351
A representação social da saúde num bairro de baixa renda de Campina Grande, Paraíba	371
Representações e opiniões, ou brincando com a boneca russa	387
SOBRE AS ORGANIZADORAS	397

APRESENTAÇÃO

Angela Arruda e as Representações Sociais

Com efeito, este conceito [Representações Sociais] atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular. Ele tem fundas raízes na sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades. Dessa forma, antes de mais nada convém explicitar o lugar de onde falo, para situar a que me refiro.

Angela Arruda (2002)

Os estudos reunidos neste livro, ao consubstanciarem parte da trajetória investigativa de Angela Arruda, nos dão mostras da riqueza e da pluralidade das reflexões em torno de temáticas caras à psicologia social. Ao consistir em uma seleção de textos feita com a contribuição da própria autora, oferecem ao leitor uma análise apurada acerca de problemáticas sociais e políticas, orientada pela perspectiva psicossocial.

As conexões analíticas estabelecidas por Angela Arruda transformaram-se em importantes marcos para o campo das representações sociais brasileiras, ao oferecerem reflexões sensíveis sobre objetos que circulam em nosso repertório simbólico. A variedade de publicações estrangeiras, no entanto, confirmam a relevância de sua contribuição não apenas para o cenário nacional, e transitam por problemáticas ligadas à saúde, às teorias de gênero, ao meio ambiente, ao imaginário, entre outras tantas.

Por meio de sua extraordinária capacidade analítica e sólido embasamento teórico, objetos representacionais passaram a ter contornos mais nítidos, constatação que pode ser feita por meio dos levantamentos de trabalhos em eventos que tratam da teoria adotada, como a Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS).

Uma forma concreta de articulação dos estudos de Angela Arruda entre as diferentes áreas que fazem uso do aporte teórico das representações

sociais é o lançamento deste livro, tendo como abertura uma entrevista da autora concedida à pesquisadora venezuelana María Auxiliadora Banchs. Nela, é possível conhecer um pouco da trajetória da entrevistada e de como se tornou uma das mais brilhantes e sensíveis pesquisadoras da área de representações sociais, lapidando sua sensibilidade e seus estudos em uma vida de luta.

Este livro reúne 17 estudos de Angela Arruda, além da entrevista inédita, e apresenta ao leitor e pesquisador uma seleção que evidencia as temáticas problematizadas pela pesquisadora. Nessa perspectiva, a coletânea de textos aqui organizada foi articulada em três partes distintas, cuja ordem cronológica parte dos mais recentes: Desafios da pesquisa em representações sociais; As representações sociais e o imaginário social; e Meio ambiente, saúde e representações sociais.

Na primeira parte deste livro, foram reunidos estudos em que Angela Arruda apresenta os desafios que envolvem a pesquisa em representações sociais a partir dos diferentes elementos que marcam a sociedade atual, sobretudo em relação à apropriação e à transformação do conhecimento científico nas comunicações sociais cotidianas.

Por meio de análises que se voltam à teoria e a seu entrelaçamento com as pesquisas desenvolvidas ao longo de sua trajetória, a pesquisadora explora, com profundidade e extrema sensibilidade, os conceitos e os elementos epistemológicos e metodológicos da teoria das representações sociais.

Em *Representações sociais: dinâmicas e redes*, o foco volta-se para o caráter dinâmico e plástico das representações e sua contribuição aos estudos desenvolvidos no âmbito da psicologia.

Como parte dos desafios empreendidos por pesquisadores da Psicologia Social, Angela Arruda, em *Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais*, problematiza a presença das emoções no âmbito da Psicologia Social, considerando a dimensão afetiva das representações sociais, a partir do que define como “potência do cotidiano”.

No quarto capítulo, *Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003*, a autora apresenta o levantamento e a análise dos trabalhos publicados nos Anais da III JIRS de 2003, identificando especificidades, avanços, estágios e lacunas no processo de difusão dessa teoria. A relevância do texto justifica-se por sua atemporalidade ao oferecer elementos de análise metodológica extremamente relevantes para aqueles que se dedicam ao estudo e ao desenvolvimento de pesquisas sob o aporte teórico das representações sociais.

Complementando o levantamento realizado acerca dos procedimentos metodológicos analisados a partir dos trabalhos publicados nos Anais da

III JIRS em *Despertando do pesadelo: a interpretação* são apresentadas considerações acerca do desafio que a interpretação dos dados coletados impõe ao pesquisador e as possibilidades para o enfrentamento dele, de modo que seja possível, àquele que se debruça sobre o estudo dos diferentes saberes produzidos em sociedades caleidoscópicas, a construção de uma visão holística e integradora capaz de expressar a complexidade que envolve o estudo das representações sociais.

Fechando a primeira parte, em *As representações sociais: desafios de pesquisa*, a autora analisa as implicações da entrada da cultura nas pesquisas em psicologia e passa a explorar, numa perspectiva de transição paradigmática, os desafios presentes nas relações estabelecidas entre o projeto epistemológico da teoria das representações sociais e sua metodologia de pesquisa.

Na segunda parte, os estudos de Angela Arruda aqui apresentados aprofundam, de forma sistemática, as análises realizadas pela autora acerca do imaginário e sua substância constitutiva – a memória social.

Partindo da premissa de que o imaginário é um fenômeno coletivo, composto por fatores psicossociais ainda pouco explorados, a autora analisa os elementos que se encontram implicados na construção do sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional, ou seja, os afetos, as ideias, as imagens e as crenças, à luz da teoria das representações sociais e do seu entrecruzamento com outras áreas do conhecimento, como a história, a antropologia, a sociologia e a filosofia.

Assim, em *Brasil imaginado: representações sociais de jovens universitários*, escrito em coautoria com Lilian Ulup, as autoras apresentam o percurso, os desafios e os resultados do trabalho realizado com 1.029 jovens universitários provenientes de sete estados brasileiros localizados nas cinco regiões do Brasil acerca da rede de afetos e vivências que permeiam a construção simbólica do sentimento de pertencimento.

No estudo *Dimensões do imaginário*, são aprofundadas as investigações acerca do imaginário, tendo como ponto de partida o saber e os afetos, dimensões psicossociológicas das representações sociais. Nesse sentido, a autora analisa o papel da articulação entre imaginário e representações sociais como fatores mobilizadores da representação.

Em *Durkheim e o imaginário social*, Angela Arruda retoma os três eixos que fundamentam o pensamento de Durkheim sobre o que atualmente denominamos de imaginário social: o princípio totêmico e seu lugar na constituição e no alcance do simbólico; a sociedade como base da racionalidade do

imaginário; as manifestações coletivas na difusão e permanência ou renovação do imaginário. Nesse texto, a autora empreende algumas reflexões críticas e aproximações entre essa perspectiva e a psicologia social, incluindo a teoria das representações sociais.

Escrito em coautoria com Ana Carolina Dias Cruz e Adelina de Oliveira Novaes, *Super-homens e Amélias na novela Uga Uga: representações sociais em movimento?* retrata o percurso das autoras em busca de melhor compreensão sobre o modo como os jovens brasileiros elaboravam suas representações a respeito do(a) brasileiro(a) num momento histórico particular, no qual se entrecruzavam as comemorações do quinto centenário do descobrimento e a eclosão da globalização no Brasil.

Uma discussão conceitual acerca da relação entre imaginário, representações sociais e crenças é tratada em *O que faz o Brasil Brasil? Imaginário, crenças e representações sociais*. Inspirado nas representações do Brasil pelos brasileiros e pelos estudos das representações sociais e da *themata*, o presente texto tem por objetivo ampliar a compreensão conceitual sobre o modo como se dá a presença das crenças e do imaginário na constituição do sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional, bem como as implicações de tal construção que, com o seu magma de significados específicos, institui a sociedade, atribuindo-lhe sentido e se reinstitui em diferentes momentos históricos por meio das experiências dessa mesma sociedade.

No último capítulo dessa segunda parte, *O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro: negociando a diferença*, Arruda busca elucidar como as diversas facetas da alteridade são trabalhadas pelo pensamento e acabam por constituir uma identidade. A partir do jogo entre o simbólico e o fazer, condição indispensável para uma sociedade se pensar e agir – a instituição imaginária da sociedade –, a autora recorre à história e à literatura para percorrer o imaginário brasileiro a respeito do ambiente natural e seus habitantes, abarcando não apenas o ambiente natural, mas o seu entrecruzamento com as relações de gênero e etnias.

Na terceira parte da obra, encontram-se reunidos textos que abordam diretamente a processualidade da construção das representações sociais a partir da análise sobre o modo como os diferentes grupos sociais encontram novas sensibilidades e um novo senso comum relativos ao meio ambiente e à saúde. Por meio da apresentação generosa e cuidadosa da metodologia utilizada em cada incursão e das relações estabelecidas com a teoria das representações sociais, o leitor entrará em contato com os diferentes contextos de produção na

área, bem como com suas estruturas, a partir de uma perspectiva holística, integradora e sensível, própria da pesquisadora.

A imprensa ecologista e a preservação ambiental: o campo da representação social apresenta um aprofundamento da análise sobre as formas de comunicação e o campo das representações utilizado por grupos ecologistas e ecofeministas. Por meio de uma abordagem processual e do emprego da análise categorial e de ocorrência, dos conteúdos presentes nos materiais de difusão elaborados dentro de cada grupo, a autora apreende a dinamicidade das representações como fenômeno social, justamente por considerar as relações estabelecidas entre a historicidade do objeto representacional e o mundo do qual essas representações emanaram e que resultaram em formas bastante específicas de comunicação em cada grupo.

Em *Novos significados da saúde e as representações sociais*, a autora propõe uma interpretação sobre como e por que a teoria das representações sociais ganha interesse para o estudo de questões relativas à saúde. Por meio da análise das transformações observadas no sentido atribuído à saúde, que se transforma em fato cultural incontornável e adquire grande visibilidade fora dos espaços especializados, tornando-se objeto de interesse das ciências sociais e humanas, o texto desenvolve a relação entre a teoria das representações sociais e a saúde, e, por último, descreve aspectos básicos da teoria, apoiando-se em exemplos de pesquisas empíricas.

A partir de 90 entrevistas, em profundidade, realizadas com lideranças de seis setores da comunidade ambientalista brasileira (ambientalistas, técnicos de governo/gestores, cientistas, empresários, movimentos sociais e parlamentares), em *Representações sociais e cultura no pensamento ambientalista brasileiro* busca-se estabelecer um diálogo sobre o ambiente natural ao mesmo tempo em que propõe um diálogo entre os entrevistados com aqueles universos representacionais, emblemáticos de momentos e projetos históricos anteriores, os quais foram se configurando, ao mesmo tempo, visões da cultura brasileira com suas invariantes e suas mudanças. Por meio de um enfoque diacrônico, a autora propõe-se a captar a mudança nas representações hegemônicas mais duradouras, ressaltando sua dimensão temporal, e incluindo, em seu percurso de análise, considerações acerca das representações polêmicas. Desse modo, oferece um quadro explicativo sobre a relação entre as representações sociais de grupos específicos e as representações hegemônicas, o trânsito e a influência recíproca entre ambos, assim como o processo de transformação de umas e outras por meio de sua interação, que repercute indubitavelmente sobre a cultura vigente.

Em *Representações sociais e movimentos sociais: grupos ecologistas e eco-feministas do Rio de Janeiro*, a partir do mapeamento das raízes que remetiam ao imaginário brasileiro sobre o mundo natural, teve início a investigação sobre o modo como esses grupos pensavam o meio ambiente, a situação na qual abraçaram a causa ambientalista e a forma como se deu a construção e a divulgação de novas sensibilidades, por meio da análise dos materiais de difusão por eles elaborados.

Voltando-se novamente às questões relacionadas à saúde, em *A representação social da saúde num bairro de baixa renda de Campina Grande, Paraíba*, a autora explora a importância dos fatores subjetivos como direcionadores da maneira de gerir a saúde, bem como orientadores da avaliação, por parte do público, das políticas e serviços a ela dirigidos. Por meio da análise das entrevistas em profundidade realizadas com mães de família apresentadas, a autora descortina o universo representacional dessas participantes no que se refere à saúde, às condutas relacionadas à manutenção da saúde e ao modo como estabelecem indicadores para a avaliação dos serviços correspondentes. Desse modo, destaca-se o papel fundamental da Psicologia Social para o estudo destes fatores, uma vez que abarcam o universo de representações dos sujeitos no que tange ao tema previsto, bem como seus valores e normas de conduta em interação com influências advindas das instituições e ideologias oficiais da saúde.

Buscando estabelecer as relações e distinções entre representações e opiniões, dentro do discurso, em *Representações e opiniões, ou brincando com a boneca russa*, a autora propõe a metáfora da boneca russa, para elucidar o modo como elas podem ser concebidas uma dentro da outra, por meio de uma proposta problematizadora. Para tanto, a partir da apresentação de resultados empíricos obtidos no trabalho realizado com cerca de 50 mulheres pertencentes a três clubes de mães de bairros populares de Campina Grande, Paraíba, em 1984-1985, Angela Arruda consegue não apenas retirar da grande *mamushka* (representações) suas irmãs menores (opiniões, estereótipos, etc.), mas, sobretudo, analisá-las a partir de suas estruturas, apontando os elementos que as aproximam e as diferenciam e suas implicações para os estudos que se voltam para essa temática.

Finalmente, cobrindo boa parte da profícua trajetória acadêmica de Angela Arruda, os textos aqui apresentados exemplificam o empenho da psicologia social brasileira no desenvolvimento de estudos no campo teórico das representações sociais, abordagem desenvolvida por Moscovici (1961) e aprofundada por Jodelet (2001) a partir da obra: *La psychanalyse, son image et son*

public, traduzida integralmente para o português 50 anos após sua primeira edição, operacionalizando um conceito para o trabalho com a dinâmica do pensamento social e sua diversidade. É trilhando o caminho do cotidiano que se questiona as dicotomias razão e senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto. Aspectos esses que se expressam nos estudos de Angela Arruda, colaborando com o campo da psicologia social por possibilitarem a compreensão da realidade social.

Nesse sentido, este livro, além de se endereçar a todos aqueles da psicologia social, também é recomendado aos estudiosos das áreas de história, saúde, filosofia, antropologia, educação e psicologia na medida em que as análises realizadas por Angela Arruda indicam, cada vez mais, os limites arbitrários entre as diferentes áreas do saber.

A organização deste livro como forma de homenagear Angela Arruda enquanto pesquisadora parte do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais – Educação, do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (CIERS-ed/FCC) e soma-se a todos que incansavelmente fizeram o livro acontecer. Dentre eles, estão Cristal Moniz de Aragão, Thiago Benedito Livramento Melicio e Ana Carolina Dias Cruz, que a estimularam e contribuíram na seleção das obras. Não podemos deixar de prestar nossos agradecimentos aos tradutores e às editoras que publicaram originalmente os estudos pelas prontas autorizações e felicitações pela nossa iniciativa em publicar esta obra.

O valor deste livro-homenagem está em reunir uma série de escritos preservando-se a unidade de pensamento que escapa ao leitor de obras isoladas. Além disso, facilita o acesso do leitor e do pesquisador a estudos publicados desde a década de 1990 e que, por sua atualidade, merecem esta publicação com cuidadosa revisão de tabelas, gráficos e normatização.

Dessa forma, este livro oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho da pesquisadora e, desse modo, avaliar com mais segurança a teoria das representações sociais e seu impacto no âmbito brasileiro.

As organizadoras

ENTREVISTA CONCEDIDA À MARÍA AUXILIADORA BANCHS

María Auxiliadora Banchs (MAUXI) – Quem é e quem foi Angela Arruda?

Angela Arruda (AA) – Bom, eu sou psicóloga. Não sei por que fiz Psicologia. Comecei meus estudos em uma escola pública de bairro, que aliás era uma escola pública de uma fábrica de tecidos, a União Fabril, perto da qual eu morava. Mas eu era supertímida (como sou até agora). Nessa época não havia o hábito de as crianças irem às casas umas das outras, isso não acontecia, era cada um no seu lugar. Aos 15 anos, fui estudar no Colégio de Aplicação da Universidade, que hoje é a Federal do Rio de Janeiro, e pude ter uma educação realmente de qualidade. Nessa época iniciei também minha vida política.

MAUXI – Mas como foi que você começou sua vida política?

AA – Foi no Colégio de Aplicação (CAp). Era um período de muita efervescência. O Colégio de Aplicação tinha um ensino muito crítico, problematizador e participativo, tinha até um jornal feito pelos alunos, “A forja”, e nas reuniões havia muita discussão política. A minha geração, no CAp, foi uma geração das lideranças de esquerda. Muitos hoje têm um papel importante no governo [Lula], alguns foram presos, exilados, durante a ditadura militar. Quando entrei para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Instituto de Psicologia (IP), era um momento de muitas manifestações, muitas passeatas, muita gente na rua.

MAUXI – E como você adquiriu sua habilidade para falar inglês, francês, espanhol, além do português, tão bem?

AA – Sempre fiz várias coisas ao mesmo tempo. No Instituto Brasil-Estados Unidos, eu ganhei uma bolsa para aprender inglês, e assim cheguei a me formar como professora e comecei a dar aulas no próprio Instituto. Quando já estava adiantada no inglês, minha mãe achou que eu teria também que aprender francês. Ela sempre dizia: “Eu não tenho nada para deixar para vocês. Vocês não têm herança. Então, a única herança que eu posso deixar é a educação.” Junto com a minha amiga Lilian tivemos aulas particulares e entramos na Aliança Francesa, já no fim do curso, para fazer os exames e obter o diploma.

MAUXI – Sua mãe!

AA – Minha mãe. A família do meu pai era rica e aristocrata, eram donos de fazenda de café. Mas a mamãe se separou dele quando eu tinha uns 4 anos. Ela queria nos educar com o mesmo padrão da família dele, que falava muitas línguas, estudava em colégios fora do país. Mas ela fez constar na separação que ele não ia dar pensão aos filhos, ela disse: “Eu quero que conste que não vai haver pensão, porque ele nunca vai dar, mas as pessoas vão pensar que ele dá. Então, que conste que ele não vai dar”. Ela nos criou sozinha, com a ideia de que a gente tinha que ter o mesmo padrão que o da família dele. Assim, quando eu entrei para a Universidade, já falava inglês e francês.

MAUXI – E como foi sua vida na Universidade? No curso de psicologia?

AA – Era uma época de muita efervescência, muito rica, porque as discussões políticas iam desde a etapa da Revolução, ou seja, você tinha que discutir o modo de produção, a forma como ia modificar esse modo de produção, se seria ou não pela via armada, e qual seria o futuro disso. Eram discussões muito amplas, não só sobre a conjuntura, o presente. Discutia-se tudo. Teve um momento até que eu pensei que ia largar a psicologia e entrar para a economia, porque estava lendo muita coisa sobre economia – o marxismo tem muita coisa sobre economia, e achei que a psicologia não tinha muito a contribuir. Quando estava na faculdade, em 1967 e 1968, foi a grande mobilização – a chamada primavera política durante a ditadura. Tinha muita movimentação na universidade.

MAUXI – E como você passou pelo golpe de Estado, pelo golpe militar?

AA – Entrei para a universidade em 1966, no período da ditadura. O movimento estudantil estava pegando fogo em 68. Realmente foi muito movimento, e nós já estávamos próximas de uma vertente de separação do partido comunista, eu já tinha saído do partido comunista, meu primeiro marido também.

MAUXI – Quando você se casou, já estava na universidade?

AA – Eu me casei em 68. Éramos do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, mas meu marido estava muito mais envolvido do que eu, porque ele vinha de outra organização que se chamava “Ação Popular”, uma organização católica que tinha: a Juventude Católica, a Juventude Operária, a Juventude Camponesa, que eram diferentes formas de organização, de organização política. Em 65, 66 ele foi preso nas manifestações, junto com uma porção de colegas. Depois dessas manifestações, em 69, veio o “Ato Institucional 5”, chamado “o golpe dentro do golpe”, acabando com o direito de reunião; com os direitos civis. Mais de três pessoas juntas já era perigoso, porque era considerado reunião. Então, tudo tinha que ser feito com muito cuidado, e a gente botando para quebrar. Quando me casei, nós fomos morar num apartamento que era da minha sogra. Ninguém sabia onde nós morávamos. Era um aparelho do partido [se chamava de aparelho o endereço que não era conhecido], um lugar clandestino. Na minha casa vinham pessoas se esconder.

MAUXI – E você terminou o curso?

AA – Eu já estava terminando o curso quando tive que sair do país. Quer dizer, a faculdade de psicologia são cinco anos, eu estava terminando o quarto. Terminar o quarto ano significava ser bacharel. Eu recebi o diploma de bacharel. O que eu não consegui foi fazer o quinto ano, porque saí do país.

MAUXI – E como você decidiu sair do país?

AA – Meu marido já tinha entrado na luta armada, comandou uma ação que fracassou. Algumas pessoas foram presas, outras escaparam. E tive que esconder algumas pessoas na minha casa. Primeiro foi meu primeiro marido, porque ia começar a perseguição a ele. Eu me lembro de que foi no dia do nosso aniversário de casamento. Eu estava na casa da minha mãe, esperando que ele fosse me buscar para nós sairmos, mas ele telefonou dizendo que não podia vir porque ia ter que viajar. A organização já estava mal e ele tinha que passar à clandestinidade. Ele disse: “Você passa lá em casa, pega suas coisas e suas roupas porque você também vai ter que viajar”. A casa da minha mãe passou a ser vigiada, mamãe começou a ser vigiada. Tinha polícia o dia inteiro, dia e noite embaixo. Eles esperavam que meu marido aparecesse tanto lá quando na casa da minha sogra. As duas casas eram vigiadas. Mamãe, que sempre foi muito rebelde, passou a dar bom-dia para o policial, para ele saber que ela sabia quem ele era. Eu fiquei escondida no Rio até que ela conseguiu documentos falsos para mim. Eram de verdade, mas com outro nome. Ela conseguiu por meio de não sei quem, que conhecia não sei quem, que comprou não sei onde, para eu poder sair do Rio, sair do Brasil. Meu marido me disse: “Você não tem condições de ficar, porque eles vão atrás de você para me pegar”.

MAUXI – E para onde você foi?

AA – Atravessei a fronteira, fui de Porto Alegre a Buenos Aires de ônibus. Consegui sair da Argentina e entrar no Chile com meus próprios documentos. Quando cheguei a Santiago, fiquei na casa de um casal de exilados brasileiros e procurei terminar o curso de Psicologia. Tentei voltar para a universidade, só faltava o quinto ano; como bacharel eu não tinha o diploma de psicóloga. Fiz apenas duas disciplinas porque arrumei um emprego fora de Santiago, a umas oito horas de ônibus, o que dificultava assistir às aulas.

MAUXI – E como foi para você a época do Chile?

AA – Nessa época no Chile, década de 70, também estava tudo em ebulição. Allende ficou no governo de 1970 até 1973. Ele aceitou receber os brasileiros que saíam como resultado do sequestro de um embaixador que foi trocado por 70 presos políticos. Entre estes estavam o meu primeiro marido e também René, meu atual marido. No Chile, trabalhei em Chillán. Passava a semana lá, trabalhando, e o fim de semana em Santiago, ficou difícil terminar o curso de psicologia. Em Chillán eu dava aulas de inglês na universidade. Realmente, saber outros idiomas me salvou!

MAUXI – Como era a vida política em Santiago?

AA – Até 1969, a colônia brasileira estava formada pelo pessoal que tinha saído antes do aumento da repressão, havia ex-parlamentares, intelectuais e militantes que não estavam ainda muito organizados. Mas após a chegada dos companheiros trocados pelo embaixador, aumentou a organização. Eles estabeleceram planejamento: quem faz o que, onde, quem vai contatar não sei quem, enfim, a gente passou a funcionar organicamente, novamente como uma célula, como organização política. Nossa organização, por exemplo, criou um jornal. Aliás, era um jornal muito bonito, que se chamava “Povo/Poder”. Não tínhamos muitas notícias do Brasil, então éramos nós conosco mesmo, a partir da situação do Brasil, a partir da situação da organização, a partir da notícia de não sei quem que tinha chegado e tinha trazido. Eram discussões infundáveis! E aí, nesse mesmo período, nós criamos um grupo musical, junto com o Thiago de Mello, que era o regente, e com o filho dele, que era compositor, o Manduka, que na época estava vivo. Mas os 70 exilados do Brasil não ficaram muito tempo no Chile. Muitos tinham decidido ir para outros países, como a Argélia.

MAUXI – Argélia!

AA – É. Meu último sogro já estava na Argélia, porque ele tinha sido trocado pelo embaixador do sequestro anterior.

MAUXI – O pai do René seu marido? O Apolônio de Carvalho?

AA – O pai do René. Ele era um dirigente conhecido na esquerda. Imagina, ele já tinha participado da guerra da Espanha, da resistência francesa. Hoje ele é considerado um herói da resistência que libertou Marselha. Nîmes, na França. Tem uma história política das mais amplas. Então, Apolônio já estava na Argélia em 1970. E lá já estavam integrantes de vários movimentos dos países africanos e de outros países. Eles também tinham muitos contatos. Então, junto com o pessoal que saiu com os 70, estava o René, que nessas alturas já era meu marido. Eu já tinha me separado do meu primeiro marido.

MAUXI – E você ficou no Chile?

AA – É. Eles ficaram uns seis meses no Chile, não chegou a isso. E os mais importantes foram encontrar com o restante que já estava lá.

MAUXI – Voltando um pouco. Durante o período do exílio, você parou sua vida acadêmica e ficou trabalhando em Chillán?

AA – Eu não fiquei muito mais tempo em Chillán, porque era muito sacrificado. Arrumei um emprego num colégio inglês, em Santiago. Era um colégio em que estudavam os filhos de diplomatas, de famílias inglesas, e daqueles chilenos da alta aristocracia que queriam que os filhos tivessem educação inglesa.

MAUXI – Você alguma vez voltou à Argentina enquanto estava no Chile?

AA – Fui enviada por nossa organização política. Tinha como missão verificar se haveria uma acolhida na Argentina, caso houvesse golpe no Chile. Os chilenos não acreditavam no golpe próximo. Nossos colegas, dos partidos do Allende, não acreditavam que

fosse haver golpe. Eles diziam que o exército chileno não era como o brasileiro; que o exército chileno era legalista, que respeitava a Constituição, que nunca tinha havido um golpe. Para nós era evidente que ia haver um golpe. Foi bem nesse período que eu fui para a Argentina e, quando voltei ao Chile, 48 horas depois da minha chegada, houve o golpe. E 48 horas depois do golpe nós fomos presos. Não todos. Mas eu e René, que tinha voltado da Argélia, fomos. Ficamos presos nos Estádio Nacional. Eu saí da prisão pela intervenção da Cruz Vermelha e o René saiu com a embaixada francesa. Mas embora o René tenha saído com a intervenção do cônsul, com o embaixador do estádio, os militares mandaram buscar René na embaixada. Mandaram! Porque René já tinha sido identificado, mas a embaixada da França não o entregou.

MAUXI – Quanto tempo vocês ficaram presos?

AA – Eu fiquei 45 dias. E o René ficou um pouco menos, um mês, eu acho. Quem me tirou foi minha mãe. Ela foi ao Chile e procurou o alto comissariado das Nações Unidas, conversou com a mulher dele, conversou com ele e não saiu mais do alto comissariado. Queria porque queria que tirassem a filha dela.

MAUXI – Então foi sua mãe que conseguiu que você saísse?

AA – Sim. Eu saí pelo Alto Comissariado das Nações Unidas. Mas saí muito infeliz, por ter deixado os outros para trás.

MAUXI – E como você entrou na França? Você tinha passaporte?

AA – Na França não se tinha passaporte, tinha “*lessé passé*”. Era um documento de refugiada política, da Convenção de Genebra. Quem é refugiado político não tem passaporte, porque o país não concede passaporte.

MAUXI – E você conseguiu trabalho logo? Como foi sua estadia na França?

AA – Não, não! Não tem trabalho esperando quando você chega. Os que vão como refugiados ficam esperando aparecer algumas propostas de trabalho ou saem para procurar. Então, muita gente fica desempregada por muito tempo, porque é difícil para os que não falam francês ter que sair e procurar. Mas eu cheguei à casa da família. Então já tinham arrumado um apartamento emprestado e nós fomos para lá. Mas ficamos, assim, esperando ver o que estava se arrumando para eu poder trabalhar. Eu fui trabalhar no sindicato da Maison des Sciences de l’Homme, porque a mãe de René trabalhava lá com Bourdieu, na revista *Actes [de la recherche]*, e me arrumou um emprego de secretária. Fiquei lá um tempo, e fiz amigos, é claro. Foi ótimo! Conheci pessoas legais. Depois fui fazer um mestrado em língua inglesa e por fim consegui com uma amiga de minha mãe um emprego na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

MAUXI – Você fez mestrado em língua inglesa?

AA – Fiz. Nesse mestrado estudei a história da relação do Brasil com a Inglaterra. Foi um estudo interessante em que pude demonstrar como essa relação sempre foi difícil porque Portugal tinha um contencioso com a Inglaterra, enfim.

MAUXI – Quando eu a conheci você já trabalhava na UNESCO. Em 1975. Quanto tempo você ficou na França?

AA – Na UNESCO eu fiquei cinco anos. Na França, oito.

MAUXI – E, afinal, como você se diplomou na França? Que cursos você fez além do mestrado em Língua Inglesa?

AA – Eu comecei meus estudos na École [Pratique] porque começou a movimentação pela anistia no Brasil, o movimento começou a crescer. Todos os brasileiros tinham estudado alguma coisa na França, todo mundo tinha feito doutorado, tinha feito isso e aquilo, enquanto que eu só tinha feito militância, então comecei a achar que precisava prosseguir meus estudos.

MAUXI – Você militava na França também?

AA – Claro! Então, René e eu atinamos que tínhamos que fazer alguma coisa para voltar, porque íamos enfrentar o mercado de trabalho no Brasil. Isso não era uma perspectiva antes, porque a família deles voltava clandestina, a possibilidade era que eles acabassem presos e mortos. Era uma missão de vida e de morte para eles. Depois que eu saí do Chile, achei que nunca mais voltaria para o Brasil. Entrei numa depressão brava. Tinha uma amiga que me dizia: “Angela, você viu como está vestida? Você viu a sua roupa? Você prestou atenção? Você não pode andar assim!”.

MAUXI – O René havia terminado os estudos de economia no Brasil. Ele fez doutorado na França?

AA – Sim. Mas não terminou. Ele teve que voltar depois para defender a tese. Inicialmente eu não sabia o que iria estudar, então fui olhar a brochura da psicologia social na École Pratique. Vi que Serge Moscovici, que eu não sabia quem era na época, ia dar um seminário sobre repressão e resistência. Pensei: “Ah, isso tem a ver comigo”, porque a temática era repressão e resistência. Ele falava das ditaduras, por que as ditaduras se mantêm. Fui falar com ele, expliquei a minha situação, que eu queria fazer alguma coisa. Nessa época, como eu estava muito envolvida com a questão de gênero, eu queria fazer algum estudo sobre a mulher. Ele me disse: “Ah, não! Sobre a mulher tem muita coisa escrita, e você trabalha, então não vai ter tempo de ler tudo o que tem. Esse tema não me interessa. Você precisa ler muito, de qualquer forma, então comece lendo psicologia social, e nós vamos conversar”. Ah, e ele também me disse: “Se você quiser integrar um dos meus projetos, não tem problema”. Mas eu não fiquei muito animada porque eu queria muito estudar alguma coisa que me motivasse. Pensei sobre isso durante um tempo. Como trabalhava na UNESCO, na divisão de ciências ecológicas, e Denise tinha apresentado justamente um seminário que assisti sobre psicologia social e meio ambiente, pensei então em fazer um trabalho sobre representação social do meio ambiente. Então falei novamente com Moscovici, e ele me disse: “Bom, esse projeto não me interessa, mas Denise Jodelet se interessaria por ele. Você pode falar com ela”.

MAUXI – Como sempre a Denise dando um jeito de contornar a situação e nos ajudar...

AA – E eu fiquei com a Denise, feliz da vida. Ela me alfabetizou, como eu digo, me alfabetizou na pesquisa, puxou muito por mim. Eu aprendi muito, trabalhei com ela direto, o tempo todo.

MAUXI – E você passou quantos anos na École Pratique?

AA – Cinco anos. Eu entrei em 76 e saí em 81. Eu terminei em outubro de 81. O diploma de Mestrado foi em outubro de 81.

MAUXI – Então você terminou em 81... E o título do diploma é?

AA – O diploma é da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

MAUXI – E com esse diploma você retornou?

AA – Antes eu queria contar como foram meus estudos com a Denise Jodelet. Minha pesquisa tinha um questionário enorme em que se perguntava o que era o meio ambiente, o homem e a relação com meio ambiente. Depois havia uma parte sobre o conhecimento de todos os ecossistemas, e eu tinha que pedir ajuda a um profissional, porque era conteúdo bem específico. Era difícil fazer sozinha. E como Denise tem muita criatividade, inventava sempre uma coisa nova. Então, uma hora eu disse: “Chega! Eu não vou explorar todo o questionário, porque o que eu tenho aqui é mais do que suficiente para um mestrado”. E ela me disse: “Ah! Você tem razão, não é? Você vai ter um valor de um mestrado. Mas você poderia ficar aqui na França”. E eu disse: “Ah, Denise, eu estou há doze anos fora do meu país. Agora é a hora de voltar, agora que o movimento pela anistia ganhou eu vou voltar!”.

MAUXI – E ela queria que você ficasse na França! Quando você chegou ao Brasil, como foi que começou a procurar trabalho?

AA – Na verdade, René e eu discutimos antes sobre para onde a gente ia. René tinha duas ofertas de trabalho, uma no sul, uma no nordeste. No sul do país o clima é temperado, então, no inverno é frio, mas não há preparo para o frio e as casas não têm aquecimento. Eu disse: “Para o frio eu não vou mais! Chega! Eu não quero mais frio!”. Então, resolvemos ir para o nordeste.

MAUXI – Então foi por isso?

AA – Não só por isso. No Nordeste, o René também tinha ligações mais interessantes, porque estava começando uma pós-graduação em economia agrícola e sociologia agrícola. Tinha colegas que eram de esquerda e que estavam levando muita gente. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) recebeu muita gente de fora. O reitor foi ao exterior e buscou muita gente para vir trabalhar na Universidade Federal da Paraíba, que era uma das melhores do país nessa época. Esse reitor teve muito recurso, fez muito por essa universidade. Ele trouxe gente de primeira linha. Então, a universidade era excelente em engenharia, todas as engenharias, pesquisa sobre energia eólica, coisas de ponta. Havia, na UFPB, muitos estrangeiros, muita gente de outros estados, muita

gente que tinha vivido coisas como nós: que tinha sido preso, ficado no exílio... Então, era um espaço de fácil recepção, porque era uma universidade cosmopolita. A maior colônia indiana na América do Sul é em Campina Grande. Tinha muitos matemáticos e físicos que vinham da Índia, que o reitor tinha contratado na Inglaterra. Enfim, era uma universidade muito interessante e imensa, tinha cinco *campi*. Aí decidimos juntos, e eu acho que foi a melhor escolha, realmente. Não só por causa do clima, que muda a minha vida, como também foi muito bom estar nesse lugar. Para René, em particular, que fez um grupo, e logo foi ser coordenador da pós-graduação. Eu comecei a trabalhar na Universidade do Estado, que ainda era particular.

MAUXI – Particular?

AA – Sim. Eu trabalhava com um núcleo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sediado na UFPB, na Federal, e dava aulas na Estadual. Quando abriu o concurso na Federal da Paraíba, eu fiz o concurso e então entrei. Em 85 eu entrei na Federal. Eu cheguei em 82; e trabalhei de 82 a 85 na Estadual.

MAUXI – Quando e como foi a implantação da teoria das representações sociais no Brasil? E quando a Denise veio para o Brasil? Considerando que foi ela a divulgadora em todo mundo e principalmente na América Latina da teoria das representações sociais.

AA – Foi em 82. Eu estava na outra universidade, mas já fazia parte de um núcleo de pesquisa do CNPq sediado na UFPB, em Campina Grande. Como ela veio à Venezuela, convidada por você, era mais fácil trazê-la. O convite partiu desse núcleo de pesquisa, com apoio da Pós-Graduação de Educação da UFPB em João Pessoa, por intermédio da Margot Madeira. E a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), cuja presidente era a Sílvia Lane, convidou Denise para ir à reunião, dentro do congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Campinas, e visitar a Pós-graduação de Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MAUXI – É assim que Denise chega ao Brasil? Para trabalhar?

AA – Ela costuma dizer que conheceu o Brasil não como turista, mas pelas portas do trabalho. Ela se reuniu com o Núcleo do CNPq para discutir o projeto e montou a metodologia com a equipe. Ela fez uma apresentação geral da Teoria das Representações Sociais para um público interdisciplinar – Ciências Sociais, Medicina, Educação. Ela foi convidada a fazer uma apresentação sobre metodologia, a pedido dos antropólogos. Acredito que em Campina Grande foi a primeira vez que se escutou falar sobre a Teoria das Representações Sociais, e foi por alguém como Denise, uma das criadoras da teoria.

MAUXI – Isso porque naquela época não tinha literatura, nem em português, nem em inglês, nem em espanhol?

AA – Tinha, mas não era conhecida. Inclusive no Brasil tinha uma tradução de *A psicanálise*¹, de 78. Mas não tinha a terceira parte do livro, sobre a comunicação, e a tradução era muito ruim.

¹ MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAUXI – Pelo visto, você foi uma das pioneiras na divulgação da Teoria das Representações Sociais, no campo científico no Brasil.

AA – O primeiro artigo publicado sobre a Teoria das Representações Sociais é o meu. Ao menos até agora é considerado assim. Foi em 1983, no primeiro número da Revista de Psicologia do Nordeste, da Universidade Federal do Ceará.

MAUXI – As pessoas não conheciam a teoria, nada?

AA – A primeira apresentação que eu fiz foi no Congresso de Psicologia do Nordeste, em 1982, em Fortaleza. E a primeira pergunta que eu ouvi foi: “Mas, então, qual é a diferença com as atitudes? É a mesma coisa...”

MAUXI – E desde essa época você pesquisava e formava alunos em teoria das representações sociais?

AA – As primeiras bolsistas que eu tive na Federal trabalharam comigo em uma pesquisa ligada ao movimento de mulheres no campo, o grupo se chamou “Grupo Raízes”.

MAUXI – Um grupo de estudos de gênero?

AA – Não. Um grupo feminista! Nesse território que juntava militância e universidade foi que, em 1984, se não me engano, foi assinada uma carta por todas as mulheres que participaram de um encontro nacional feminista, a Carta do Embu, pela implantação de uma política de saúde da mulher no país, o “Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher” (PAISM). O PAISM tinha sido feito com a participação das feministas que estavam no Ministério da Saúde. Era muito interessante porque tinha o olhar feminino e feminista; mas não ia para frente. Nesse encontro – que tinha gente de todos os estados, eu fui da Paraíba – foi decidido que íamos entregar essa carta, reivindicando a todos os Secretários de Saúde que o Programa fosse posto em marcha nas cidades de onde nós vínhamos. Em Campina Grande nós entregamos a carta. A partir daí, como havia muita mobilização em torno da reforma sanitária, da reforma da saúde no Brasil, conseguimos trazer algumas pessoas para falar sobre o PAISM. Da Conferência Nacional de Saúde e Direitos da Mulher, em Brasília [outubro de 1986], desdobramento da 8ª Conferência Nacional de Saúde, que foi um marco na discussão sobre a saúde depois da ditadura, algumas mulheres saíram delegadas de Campina Grande. A gente ia levando a questão do aborto, do atendimento, dos serviços, dos direitos reprodutivos, enfim todas as questões de saúde da mulher que estavam na pauta feminista.

MAUXI – Vocês discutiram todos estes temas da pauta feminista!

AA – O PAISM era parte da nova política nacional de saúde, da Reforma Sanitária, e precisava que estivesse implantado o Sistema Único de Saúde (SUS) para ser implementado. O secretário municipal de saúde e vários sanitaristas da cidade estavam envolvidos nessa luta. Começamos a nos reunir com as comunidades, ir aos bairros. Eles tinham associações de mães. Enfim, conseguimos que fosse feito um encontro com profissionais de saúde, autoridades e movimentos populares, mulheres das comunidades para discutir a Reforma Sanitária, com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde.

MAUXI – Associações de mães?

AA – As associações eram do tempo da ditadura. As mulheres faziam tricô, trocavam receitas, coisas que elas podiam fazer na época da ditadura. Então, nós começamos a percorrer os clubes de mães. Foi assim que começou a primeira pesquisa. Com algumas alunas, nós íamos e discutíamos com as mães sobre ter filhos. As mais jovens diziam: “Ah, não! Eu não vou ter seis filhos, dez filhos! Já estou tomando remédio, porque eu não quero mais engravidar.” Assim, a gente começou a discussão sobre a contracepção. Nós entrevistamos as mulheres sobre a representação social da contracepção feminina.

MAUXI – Essa foi a sua primeira pesquisa? Na primeira metade dos anos 80?

AA – Nós fizemos esse levantamento, foi muito interessante, a gente não atinava com o que as mulheres diziam. Faziam muita queixa da pílula. Existiu uma organização estrangeira, a Bem-Estar Familiar no Brasil (BEMFAM), que distribuía pílulas nas regiões pobres do Brasil; mas sem passar pelo serviço médico. Às vezes, se a Secretaria de Saúde aceitasse, eles entregavam as pílulas e elas eram distribuídas nos ambulatórios, nos atendimentos públicos. Mas quando não era, distribuíamos em qualquer lugar: no quartel, no armazém. Em Campina Grande, esse Secretário de Saúde não tinha aceitado que a BEMFAM pusesse a pílula dentro das instituições públicas de saúde.

MAUXI – Não aceitou?

AA – Não. Então, a pílula era distribuída assim, no quartel, sem nenhuma orientação. Só entregavam, porque o que interessava é que tomassem. Explicavam ali na hora: “quando menstruar, você conta o terceiro dia e começa! Quando acabar, você espera três dias e começa de novo”. Só isso. E aí, o que chamou a atenção em nossa pesquisa foi identificar que as mulheres tinham queixas da pílula: dor de cabeça, dor de estômago, náuseas, insônia, sonolência, falta de energia, nervosismo, etc. Indagamos, então, como elas tomavam a pílula. Isso é que foi o mais interessante. Como a pílula tinha que ser buscada longe, então ia uma e trazia uma cartela. E daí a mulher tomava a pílula junto com a vizinha. Dividia com a vizinha. Houve um relato de uma das mulheres cujo marido era caminhoneiro, portanto não estava o tempo todo em casa. Enquanto ele estivesse, naquela semana ela tomava, depois parava, e no dia em que ele chegava ela tomava duas, três, para compensar. Logicamente que ela passava mal. E teve até o caso de mães que, pelo fato de engordarem, davam para as crianças, porque achavam que era vitamina, já que ela mesma tinha ficado forte. Era um modo customizado e personaliadíssimo de usar a pílula, dada a situação de cada uma e a sua criatividade. Era uma forma de passagem de saber. Aquelas pessoas que entregavam a pílula, entregavam sem nenhuma indicação médica, e as mulheres faziam o que podiam com essa novidade; era uma novidade no corpo delas, que mexia com o corpo, com tudo.

MAUXI – Com as suas alunas na Universidade, vocês estavam fazendo realmente uma grande pesquisa.

AA – Quando nós encerramos a coleta e iniciamos a análise, havia coisas que não tínhamos conseguido explicar. As entrevistadas falavam que tinha um canal, que tinha uma

bolsa, e que entupia; era todo um vocabulário doméstico. Mas o que elas estavam dizendo na verdade? Demorou um pouco, exigiu muitos estudos dos dados para compreendermos o processo que elas estavam desenvolvendo. Era um processo de objetivação, e elas estavam ancorando no terreno delas! Elas achavam que, se juntasse as pílulas, faria mal, porque elas tinham os sintomas. Então, o que faziam? Tentavam preservar, tentavam evitar, dividiam com a vizinha; não tomavam quando o marido estava fora. Aí engravidavam: “ter menino é bom para desentupir o canal”. Tive que pensar no contexto cultural do lugar em que eu estava chegando: a questão de que o lugar da mãe é a identidade feminina.

MAUXI – Se não é mãe, não tem lugar.

AA – Gostaria de voltar a falar na luta pela implantação do PAISM. O município aderiu ao SUS; depois criou a Comissão Municipal de Saúde, uma comissão com representação da sociedade civil e do governo. Nessa época eu já não estava mais em Campina. Eu saí ainda na luta pela criação da Comissão, mas as mulheres já tinham se desenvolvido, uma parte delas já estava na liderança popular, uma já estava fazendo universidade; enfim, elas tinham a autonomia delas e não precisavam ser tuteladas por ninguém. Os médicos sanitaristas tomaram a frente da criação do Conselho Municipal de Saúde, porque é difícil um conselho começar com uma sociedade civil que não tem o costume de prática com as políticas públicas; e que vai para um espaço em que um especialista fala a linguagem dos especialistas. A pessoa que vem lá do clube de mães não entende, e ninguém explica para ela. Só explica quando há interesse político, para que ela vote em alguma coisa. Então, é muito difícil quando se começa isso. Foi o começo da democratização no Brasil. Mas havia uma porção de coisas que elas tinham, digamos assim, incorporado nessa passagem por esse movimento, por exemplo: “Vem um jornalista aí que quer falar com a nossa líder!”. Eu dizia: “Então você responde”; “Mas eu não sou a líder!”. E eu digo: “É! Você não está aí? Você não recebeu o pedido dele? Você pode falar com ele”; “Quem vai assinar esse documento?”. E eu digo: “Você! Você não está aí? Pode assinar!”; “Ah, mas eu não sou”. E eu digo: “Menina, nós não temos chefe! Aqui, todo mundo faz tudo! Todo mundo tem que ter o mesmo direito e o mesmo poder! Por que eu que tenho que? Eu não, eu nem gosto de falar. Eu nem gosto dessas coisas. Vai, Maria, vai você que gosta de falar e pronto!”. E elas entenderam isso, tanto que, quando chegaram ao Conselho de Saúde, a enfermeira que ia ser nomeada secretária, e tinha que achar uma suplente, disse: “Aqui não vai ter suplente nem secretária! Aqui vai ter todo mundo em volta de mim!”. Achei ótimo assim! Esse período foi tão marcante que, um belo dia, me telefonou aqui em casa um dos médicos daquela época. Ele estava fazendo uma tese sobre a história do movimento de saúde em Campina Grande e queria saber se eu tinha material da criação da comissão, do Conselho.

MAUXI – Do ponto de vista acadêmico, na universidade Federal, você começou a fazer (no sentido de ministrar aulas) os cursos de psicologia social?

AA – Não, porque em Campina Grande não existia curso de psicologia. Eu entrei para o Departamento de Educação, e a psicologia que eles pediam, no concurso, foi psicologia social da educação.

MAUXI – E depois disso você ficou quanto tempo na Universidade Federal da Paraíba?

AA – Eu me desliguei em 94. Mas eu saí para o doutorado em 90. Eu fiquei de 85 a 94 vinculada à Federal da Paraíba. Nesse período, o René foi convidado para voltar ao Rio, para vir dar aulas na Federal do Rio. Ele estava preocupado com os pais, que já estavam ficando idosos, então ele sabia que ia ter que voltar. Voltamos. Eu pude voltar pela lei de união de cônjuge. Em 94 eu comecei a dar aula na UFRJ, e não no Instituto de Psicologia.

MAUXI – Na Enfermagem?

AA – Não. Eu comecei no serviço social, dava aula à noite e de dia. Foi uma experiência muito interessante, completamente diferente da psicologia, todo o funcionamento, a filosofia, tudo era o oposto. A psicologia é um curso que forma indivíduos: em uma perspectiva individualista. O curso de Serviço Social era um curso que tinha um projeto pedagógico e que formava as pessoas para trabalharem em equipe, estavam todos ligados ao social.

MAUXI – Voltando um pouco ao ponto da introdução da teoria das representações sociais no Brasil, se você tivesse que reconstruir a história de como você foi semeando, como descreveria?

AA – O começo é assim: pelas mãos da Denise Jodelet, trago a teoria das representações sociais ao Brasil; porque você a traz à Venezuela e eu a convido para o Brasil. Nesse momento, ela conhece Silvia Lane pessoalmente. Silvia Lane já leva Denise ao Programa da PUC-SP. Ela vai à PUC-SP e conversa com as alunas da Silvia, então ela já entrou no circuito, entendeu? O 5º Encontro Nacional da ABRAPSO acontece em João Pessoa, em 1989. Eu ajudei na organização e também montei uma mesa de gênero e uma mesa de representações sociais.

MAUXI – Foi a primeira vez que a teoria das representações sociais aparece com destaque em um congresso no Brasil?

AA – Eu não sei. É possível que sim, a menos que o Celso Sá tenha organizado alguma coisa no Rio, porque ele já estava estudando as representações. Em 1989, eu me lembro de ter perguntado à Denise, que já tinha vindo ao Brasil mais de uma vez, quem mais ela conhecia que trabalhava com representações sociais no Brasil. Ela me deu o nome de algumas pessoas, entre elas o Celso Sá. E aí, eu entrei em contato com ele e o convidei para vir à Paraíba.

MAUXI – Mas como as pessoas foram se engajando e começaram a fazer o estudo das representações sociais?

AA – Tinha gente que tinha se formado na Europa, mas não em Paris, no entanto, trabalhava com representações sociais. Clélia Schulze estudou com Tajfel, na Inglaterra. Angela Almeida estudou em Louvain, na Bélgica. Então conheciam alguma coisa da teoria de representações sociais. A passagem de Denise em São Paulo também foi muito significativa. A PUC-SP, no Brasil, foi sempre uma irradiadora na formação da

psicologia social, porque Silvia Lane sempre foi uma rebelde. A PUC-SP formou muita gente dentro da perspectiva da Silvia Lane. A própria ABRAPSO foi fundada lá na PUC-SP. Então, quando a Denise esteve na mesa da ABRAPSO, teve um público seletivo que a ouviu e passou a seguir seus passos.

MAUXI – Nesses estudos, parece mesmo que você teve um papel fundamental de inaugurar um campo de estudo no Brasil. Você foi uma das pioneiras?

AA – Fui. Edson Alves Filho fez a tese com o Moscovici, mas sobre as minorias ativas. Certamente ele já sabia, porque veio trabalhando com as representações sociais. A bem da verdade, é preciso esclarecer que havia uma professora francesa que dava aula em João Pessoa sobre representação social. Nessa época, que eu me lembro, havia essas pessoas. Quando eu vim para o Rio, a Clélia já tinha convidado a Denise Jodelet para ir à Santa Catarina, oportunidade em que ela conheceu o Brígido. O Celso, que ela já conhecia aqui do Rio, não sei como, nem em que ocasião, e a Margot Madeira.

MAUXI – Falando ainda sobre a penetração das representações sociais no Brasil. Quando começou a Jornada Internacional sobre Representações Sociais (JIRS)?

AA – Em 98. Nós éramos da Comissão de Organização. Participava a Margot Madeira, Vicente Madeira, Luis Fernando Tura, o pessoal de Natal, Celso Sá. Não lembro se o Ricardo Vieiralves já estava na Comissão Organizadora nesse período, mas com certeza teve sua contribuição.

MAUXI – A JIRS teve um papel importante na difusão da teoria?

AA – Celso já tinha montado a 2ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais (CIRS), que não foi a JIRS, em 94. A primeira foi em Ravello. A partir daqui a teoria ganha maior visibilidade.

MAUXI – A primeira foi em Ravello. Você foi? Eu fui.

AA – Não. Eu não tive como ir. Depois a segunda foi no Brasil, no Rio. Foi muito importante, porque foi internacional, então teve muita gente. A JIRS ou a Conferência é um mergulho na representação, pois se tem a oportunidade de ouvir gente muito boa falar, de ver muitos trabalhos. E você convive com essas pessoas, todo mundo se fala. É um espaço de troca muito intensa. Assistir a uma Conferência Internacional, uma JIRS, é como fazer um curso de representação social por um semestre, uns quatro meses de curso.

MAUXI – Mas se você tivesse que fazer uma exibição, em etapas, do desenvolvimento das representações sociais no Brasil, você poderia dizer, por exemplo, que a primeira etapa foi nos anos 80, o processo de divulgação da teoria, a iniciação dos programas de psicologia social, uma analogia com a Venezuela? A inserção e a difusão nos programas de psicologia social?

AA – Exatamente. No Brasil não eram programas de pós-graduação. Eram cursos nas faculdades de psicologia, porque havia poucos cursos de pós-graduação.

MAUXI – Quanto à disciplina psicologia social, que antes das representações sociais tinha como conteúdo atitudes, estereótipo, atribuição etc., em que momento começa a se ter o ensino das representações sociais dentro da disciplina da psicologia social ou em outras? Como a teoria entrou no currículo?

AA – Demorou bastante, porque nós não nos conhecíamos. O Brasil é enorme e não havia internet e outras formas de comunicação. Nós começamos a nos ver nos encontros de psicologia, a perceber quem estava trabalhando com as representações sociais, era pouca gente. A ABRAPSO teve um papel importante. No encontro da ABRAPSO de 97, em Belo Horizonte (Denise Jodelet estava), nós resolvemos fazer uma reunião com todo mundo que a gente sabia que trabalhava com representação social, para montar uma estratégia de visibilidade. Foi uma decisão importante que tiramos da reunião.

MAUXI – E qual foi a estratégia que vocês montaram?

AA – A reunião em que estavam eu, Celso Sá, Pedrinho Guareschi, Clélia Schulze e todo mundo que trabalhava com a teoria das representações sociais nas áreas de saúde, educação. Desse encontro saiu a decisão de organizar um encontro e fazer um levantamento do estado da arte. Todos os presentes ficaram responsáveis por participar desse levantamento, no seu estado, no seu lugar, levantar a produção de representação social. O material ia ser reunido e processado na UERJ, porque o Celso estava em um posto administrativo importante e o estudo teria que ter um apoio institucional. Com o estudo feito, o banco de dados ficou à disposição de todos. Todos os resultados foram distribuídos para ser feito um seminário, com autoria de vários colegas que coletaram dados. Celso Sá e eu fizemos um artigo juntos: eu historiei um pouco a trajetória das representações sociais no Brasil e ele fez a análise das estatísticas do material. Depois, vários outros também publicaram, setorizados por área, como a saúde, etc. Com essa preparação, iniciamos a organização da JIRS 98.

MAUXI – Em 98 foi a reunião de Natal?

AA – Sim. Já tinha havido a Conferência Internacional no Brasil, em 94. Ou seja, acho que a primeira etapa vai até 94, que é a etapa inicial, a etapa pioneira. Aquela em que são poucos que trabalham muito, e que não têm contato entre si; alguns nem fazem apenas representação social, mas incluem isso no seu repertório. E a Conferência Internacional no Brasil foi, em todo o país sempre é, de grande benefício para nós; muita gente se aproximou, muita gente ficou conhecendo as publicações. Saíram algumas publicações naquele momento. E daí para adiante fomos percebendo que era preciso ter a estratégia de divulgação, que não podia deixar morrer ali. Foi o que a gente montou em Natal quando fizemos o Simpósio.

MAUXI – O Simpósio epistemológico.

AA – Sim. No Simpósio epistemológico, éramos 20 ou algo assim. Era preciso que as vertentes e as posições discutissem, estava começando a haver um acerto... No entanto, era impossível trazer essa gente toda e ninguém mais aproveitar. Decidimos fazer a

JIRS, que foi organizada pelas universidades que participavam: Federal do Rio Grande do Norte, Federal do Rio de Janeiro, Estadual do Rio de Janeiro e Estácio de Sá. Acho que 1994 é um marco e 1998 é outro. É a etapa de consolidação do campo no Brasil. A partir de 1998, estabelecemos uma periodicidade de encontro, um estilo de evento em que os seniores se encontram com os juniores e com os que ainda não começaram, numa certa intimidade, numa certa informalidade que permite um diálogo, como nos grupos de discussão, socialmente, etc. A partir de certo momento, começou a haver um gigantismo, e isso começa a diminuir um pouco, mas era inevitável. Indicava o crescimento do campo.

MAUXI – E vocês decidiram fazer a JIRS na Argentina? Porque as JIRS eram sempre promovidas por universidades brasileiras...

AA – Eu não participei dessas discussões, parece que a ideia começou a surgir na Conferência Internacional de Roma, à qual não compareci. Denise havia ido ao primeiro encontro da Argentina e ficou encantada com a qualidade dos trabalhos, com as pessoas, mas também percebeu as dificuldades dos argentinos. Acho que foi Clarilza Prado de Sousa uma das pessoas que trouxe a ideia da Argentina, ela trabalha muito com o pessoal da Argentina. A ideia era fazer uma coisa da América Latina. Foi um momento tenso. Tenho a impressão de que ali se instala uma nova etapa, que vai lentamente modificando o clima até então existente. O campo cresceu muito, contém as diversas tendências da teoria, se instalou em várias áreas, e começa a se dispersar. O momento da psicologia social também é outro. A representação já não comparece com a mesma força nas publicações, nos grandes congressos da área, isto é claro nas revistas de psicologia. Outros ventos sopram na área. O tempo em que se discutia se as representações sociais foram um modismo passou. A “moda” hoje são algumas abordagens pós-modernas, como a da produção de subjetividade, de Deleuze e Guattari, a enação de Varela, a teoria ator-rede, de Latour. Ao mesmo tempo, além da profusão de pesquisas que circulam nos encontros de representações sociais, começa a se afirmar um interesse pela reflexão teórica e um esforço para visibilizá-la. Em síntese, creio que 94 é um marco. É um momento importante. Sediamos a Conferência Internacional e, a partir de 94, tivemos o primeiro grupo de representações sociais, criado pelo Edson. Depois vem outra etapa, de maior visibilidade. A partir de 98, já é a etapa de consolidação, porque passamos a nos reunir a cada dois anos, cada vez em uma região do Brasil, as pesquisas e as publicações se multiplicam.

MAUXI – Foi importantíssima essa JIRS. Mas o mais importante foi a reunião de discussão epistemológica, que não atingiu uma transcendência porque não chegou a ser publicada.

AA – Ela foi importante para os que pensavam a teoria internacionalmente, para a discussão sobre a teoria. A JIRS foi importante por isso, porque reuniu todo o campo.

MAUXI – E, nesse momento, a produção era de qualidade.

AA – Já havia uma produção, claro. Em Natal, nós queríamos ser muito cuidadosos com a seleção dos trabalhos. Havíamos negociado muito. Foi difícil, porque em alguns

tipos de congresso é comum determinada pessoa ser convidada por razões não estritamente científicas. Sempre relutei em convidar para assumir responsabilidades científicas – montar um simpósio, dar parecer em trabalhos – quem não tem experiência com representações sociais. Por outro lado, muito raramente se traz gente de fora do campo das representações sociais para travar um debate com a nossa perspectiva. Somos bem fechados em relação aos outros. É uma dificuldade.

MAUXI – Quando é que Moscovici vem pela primeira vez ao Brasil?

AA – Eu acho que foi na Conferência Internacional de 1994. Se ele tinha vindo antes, foi fora do âmbito das teorias que ele elaborou.

MAUXI – Estamos fazendo mais uma história do desenvolvimento das representações sociais no Brasil. Mas quanto à sua história profissional, quais são as influências teóricas, metodológicas?

AA – A primeira coisa que eu considero importante não perder de vista é que eu era uma militante. Eu era uma militante, mesmo modesta.

MAUXI – Seguramente!

AA – Eu fui, em todo o período em que fiquei em Campina Grande, totalmente ativista. Meu maior trabalho era, lógico, com as minhas alunas. Mas fazendo movimento social.

MAUXI – Militante feminista.

AA – E militante social, porque essa coisa estava toda ligada. O trabalho feminista estava ligado às mulheres mais pobres, com todas as questões da reprodução, da qualidade de vida, do bem-estar. Então, esses não foram anos de reflexão teórica, nem de leituras. Foi um período de agitação! Muita agitação, muita reunião, muita discussão política, conversar com o secretário de saúde, conversar com os médicos, enfim, era muita coisa! Estávamos muito frequentemente na televisão, nos jornais. E todas essas coisas que nós tínhamos que preparar: muitos *workshops* com as mulheres. Nós trabalhamos muito com as mulheres, e isso foi uma coisa muito boa. Eu aprendi muito, foi excelente. O meu doutorado foi exatamente uma parada para reflexão. E foi o que eu chamei de “a minha conversão de militante a acadêmica”.

MAUXI – Eu senti essa sua conversão!

AA – É. Mas é dolorosa, demora, não acontece assim.

MAUXI – A sua identidade mudou...

AA – Pois é. Sem perder uma base profunda.

MAUXI – A sua identidade profissional trocou quando você entrou no mundo intelectual e com a democracia.

AA – Eu ainda segui muito tempo, fazendo muita coisa, mas eu já não estava mais no meu espaço de militância, que era Campina Grande.

MAUXI – E nesse momento histórico de seu país, a democracia foi estabelecida, e tem outro mundo político também, com outras questões sociais, que são um processo histórico.

AA – Exatamente. Aí eu comecei o caminho da mudança. Eu passei os seis anos de doutorado preparando essa mudança. Mas, ainda durante o doutorado, como o curso, o doutorado da Universidade de São Paulo (USP) não era reconhecido pelo Ministério da Educação – era o momento de modificação do sistema de pós-graduação no Brasil (e isso iria afetar bastante a minha carreira) – então eu entrei no movimento dos alunos com relação à questão da transformação da pós, do reconhecimento. E disse: “Eu não acredito que eu venho para cá pensando que agora vou sossegar, estudar, escrever, e tenho que de novo entrar em um movimento”.

MAUXI – A Universidade Federal do Rio de Janeiro não aceitou o seu doutorado?

AA – A Federal do Rio de Janeiro, não. Primeiro, por causa da mudança no sistema de reconhecimento de cursos de pós-graduação, que deixou vários cursos sem reconhecimento por anos, como o doutorado de psicologia da USP; segundo, por rigidez administrativa da própria UFRJ; terceiro, por uma política de pessoal pouco preocupada com as pessoas, por fim, porque existe uma rivalidade entre a Federal e a USP. A certa altura do período de doutorado, passei um ano indo a São Paulo, só por causa das reuniões com os colegas de pós-graduação, discussões com os professores, pois eu já não tinha mais disciplina para fazer, estava começando a escrever a tese. Mas nada foi resolvido.

MAUXI – Não foi?

AA – Não. A prova é que eu saí e não tive o reconhecimento, não tive o reconhecimento e pronto!

MAUXI – Quando você obteve o reconhecimento?

AA – Terminei em 96 e tive o reconhecimento em 2002, o que atrasou muito a minha carreira. A transição [de militante a acadêmica] aconteceu junto com a nossa mudança para o Rio. Eu passando a semana aqui e indo para São Paulo. Nós chegando ao Rio, minha filha na escola nova, se ambientando; o primeiro ano foi muito difícil para ela. Eu tinha muitas coisas para resolver. A família, a casa, a chegada a uma cidade nova, recomeçar a vida pela quarta vez. Eu recomecei no Chile, recomecei na França, recomecei em Campina Grande e recomecei no Rio de Janeiro. Muita coisa ao mesmo tempo. Essa conversão só iria acontecer mesmo após o doutorado.

MAUXI – E a formação teórica no doutorado, como foi?

AA – Deixe eu pensar aqui, quem é que me marcou ao longo do doutorado. Bourdieu, que eu li muito, tinha coisas boas, mas que não me dava vontade de adotar.

MAUXI – A sua orientadora?

AA – A minha orientadora, Sylvia Leser, é uma bela pessoa, uma filósofa de formação (como Denise Jodelet), e gostava muito de Hannah Arendt. Graças a ela, eu conheci

Hannah Arendt, o que também foi muito bom. Hannah Arendt foi com quem eu mais senti afinidade.

MAUXI – E ela aceitou que você fizesse a sua tese com a teoria das representações?

AA – Ela era uma pessoa muito respeitosa! Foi sorte minha. Ela aceitou, embora não fosse a teoria dela, mas eu já vim meio pronta, porque já trazia o cerne teórico. Eu trabalhei um pouco esses autores, mas assisti a seminários de Marcio Tavares do Amaral na UFRJ, circulei por vários espaços e acabei chegando a autores como Bruno Latour e Donna Haraway para fechar minha tese. O mais trabalhoso foi a questão histórica, o pensamento brasileiro, a construção da nação, para poder entender o meu objeto. O que eu fiz, na verdade, e só percebi na hora de finalizar o texto, foi recuperar na tese, no trabalho de campo, o tempo que eu estive fora do Brasil no cenário de dois movimentos sociais: o feminismo e o movimento ecologista. O que aconteceu aqui com o movimento feminista, no Rio de Janeiro, e o que se transformou no movimento verde, a ecologia. Então, eu comecei com as feministas, porque uma parte do movimento verde são as feministas. Fui entrevistá-las, revisitei a trajetória do feminismo no Rio de Janeiro, que eu não vivi. E quando chegou ao fim da tese é que eu percebi qual era o caminho de volta que eu tinha feito [na tese].

MAUXI – Você havia recuperado a história perdida de quando estava no Chile e na França.

AA – Sim. Foi um movimento que não era puramente acadêmico, que tinha a ver com o movimento social, que era ligado à minha vida toda. Direcionada por essa definição, uma vez que eu me vinculei a esse tipo de coisa, a esse tipo de atividade, a essa posição filosófica. Quando cheguei à UFRJ, uma colega da disciplina de psicologia social um dia me convidou para falar na turma dela sobre a psicologia social aplicada, o que pode ser feito com a psicologia social. Eu fui e falei muito do trabalho com as mulheres, do movimento. E ela me pergunta: “Mas, e em termos de psicologia?”. Eu digo: “Em termos de psicologia?” Eu nem tinha falado nisso... Claro que eu utilizava conhecimentos aprendidos na psicologia, no meu trabalho, mas eu não fazia psicologia, não era acadêmica. Eu tinha que fazer a coisa acontecer. Mobilizar, pressionar, articular, redigir, fazer acordos. Por isso que eu digo, a conversão é longa. E é difícil, porque, quando você se acostuma a viver na prática o tempo todo, é difícil voltar e se recolher à teoria. Por isso eu sou boa para fazer coisas concretas, eu tenho facilidade, eu sou bem concreta.

MAUXI – Não é que você seja concreta. Você também tem capacidade de síntese, de captar as ideias centrais. Uma coisa bem mais abstrata do que concreta, acredito eu.

AA – Não sei. Enfim, pouco importa. Mas do ponto de vista da minha formação, eu acho que a volta à École Pratique me ajudou a prepará-la, me trouxe de volta para a reflexão. Porque me ajudou a pensar uma porção de coisas, me tirou um pouco da gaveta do pensamento clássico da esquerda, do pensamento do marxismo. Inclusive, eu achei que a Teoria das Representações Sociais iria me permitir entender melhor aquilo que

o marxismo considerava: um pouco do trabalho que faz a ideologia. Que eu acho uma coisa meio dura. Eu sempre tive resistência à formatação; a achar que as regras servem para tudo a que devem ser aplicadas, sempre. Foi assim no feminismo, na organização, acho que eu tinha uma coisa meio anárquica. O meu trabalho, a minha produção é feita assim. Não funciona sempre com planos de trabalho.

MAUXI – Nem molde?

AA – Meio difícil. Eu posso escrever uma coisa, depois eu vou saber o que é aquilo, onde se encaixa.

MAUXI – Eu faço a mesma coisa.

AA – Depois acerta na minha cabeça. Eu sempre digo, quando escrevo ficção, que me “dá” um texto. Você diz: “me deu um mal-estar, me deu uma alegria”, então: “me dá um texto”, eu sou acometida por aquilo. Depois é que eu vou saber o que vou fazer. Eu mandei um capítulo para a minha orientadora e expliquei: “Este é o primeiro capítulo que eu escrevi. Não sei onde vai entrar, não sei se é uma introdução, se é o meio, se é o fim... só sei que eu tinha que escrever esse capítulo. E que ele tem que entrar, depois vamos ver onde”. Então, eu acho que as representações sociais me deram a sensação de que eu saía um pouco da caixa. Elas davam um espaço de liberdade com relação ao pensamento humano.

MAUXI – Em comparação ao pensamento marxista?

AA – É, pelo menos o pensamento marxista que circula normalmente por aí. E a visão da ideologia que circulava, a ideologia dominante, a ideologia disso, a superestrutura, a infraestrutura. Está bem, mas pelo meio tem outras coisas. Deve ter, mas eu não sei o que é, não sou especialista, não tenho grande leitura, mas achar que é tudo assim, é difícil para mim. Da mesma maneira nas relações com as pessoas. Você se dá bem com quem você gosta. Se a pessoa não pensa como você, isso não impede que vocês sejam amigas, isso não é problema. Você não se dá só com quem é parecido com você. Eu era tão tímida, não falava nada, como é que eu ia me dar com quem fosse igual a mim? Não podia! Eu adorava quem era diferente de mim. Então, as representações me deram uma espécie de oxigênio.

MAUXI – De liberdade?

AA – É, intelectual. Em Paris, conheci gente diferente, especial. Denise, inclusive, foi muito importante nisso para mim. Ela me abriu as portas da casa dela, para frequentar, ver aquela gente.

MAUXI – Ela foi muito generosa.

AA – Sempre foi! Eu só tenho a agradecer. Ela me pegou pela mão e me alfabetizou, eu era analfabeta de pesquisa. Ela me ensinou todos os passos que eu podia aprender. É lógico que não são todos os passos da pesquisa e nem são todos os que ela sabe, porque isso também não se ensina. Mas eu tenho essa dívida com ela, que foi a minha mãe intelectual.

MAUXI – E isso serviu, desde o começo, para sua atividade política.

AA – Exatamente. Mas eu não tinha o perfil acadêmico, no início. Eu era uma ativista, o tempo todo. Em Paris eu também era, porque participei do movimento feminista em Paris, no grupo do bairro, e isso me inseriu na vida de bairro. Lembro, por exemplo, que a feira era bem perto da minha casa. Se eu encontrasse uma amiga do grupo na feira, acontecia de a gente ir lá para casa comer o que a gente tinha comprado.

MAUXI – Você ficou sempre em Paris? Em que parte de Paris?

AA – Sempre. Eu morava no 15, em Convention. No bairro tinha a minha médica, a gente ia ao cinema, fazia feira, encontrava as amigas. Fui seduzida pelo feminismo, porque estava no auge, era muito animado, criativo e também foi uma acolhida para mim. O começo na França foi difícil. Era assim: “Não tem mais volta. Agora é o fim, você não volta mais. Não tem mais esperança de você voltar para o Brasil”.

MAUXI – Para o Brasil?

AA – Uma tristeza. Eu tinha sido muito feliz no Chile e tinha pensado até em me naturalizar. Se o governo Allende tivesse sobrevivido e o Chile tivesse dado certo, talvez isso tivesse acontecido. Eu só vivia com chilenos, nunca gostei de viver no gueto, só com os brasileiros. E gostava do país, das pessoas. Claro que as pessoas mudaram muito com a ditadura. Eu voltei lá mais recentemente, é outro país. Voltando à vaca fria. O percurso com as representações tem a ver com isso, que, de certa forma, eu incorporei. Quando eu escrevi para o livro do Moscovici, *Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici*, dei o título “Des idées pour les que lles se battre” (Ideias pelas quais lutar), porque eu acho que as representações sociais foram uma causa para mim também. Acho que fui movida a causas. Abracei as representações sociais também como uma causa. René diz que, apesar da decepção com a atuação da geração dele, depois do fim da ditadura, com o que ela fez e foi na política no Brasil de lá para cá, o outro lado dela, que a geração atual não conhece, é que aquela geração se entregou a uma causa sem esperar retorno. Não era em busca de posição, de prestígio. Foi pela causa. A disposição de entregar a vida, simplesmente por isso. Era como uma missão. E foi efetivamente isso, abraçar algo como uma missão, não porque daí você iria obter alguma coisa. Mas não há saudosismo nisso. Os tempos são outros, generosidade existe em toda geração, faculta maior ou menor oportunidade para ela se expressar.

MAUXI – O quê?

AA – Essa generosidade. Nós tivemos o privilégio de viver aquele momento, de poder participar daquilo, de viver a experiência coletiva e de viver em coletivo. Isso facilitou essa posição de que as coisas em que eu acredito, eu abraço como causas. Foi o movimento social, foi sempre isso. O feminismo. E as representações sociais também, porque no início nós éramos um grupo assim, um grupo de idealistas.

MAUXI – Você acha que esse era o espírito, de idealismo?

AA – Talvez fosse uma visão otimista, talvez fosse o meu preconceito, mas eu tinha a sensação de que havia esse sentimento de abraçar uma causa.

MAUXI – Sim! Isso é verdade!

AA – Que nós tínhamos algo que merecia uma dedicação e uma difusão, que fosse conhecido. Acho que uma parte dessas pessoas pensava assim também. Essa geração que tentou, que trabalhou, que formou gente, sem pretender nem esperar nada. Isso pode, eventualmente, reverter em alguma coisa, mas não se estava fazendo isso com intenção de ter algum benefício.

MAUXI – Não, claro!

AA – Parecia um grupo assim, desprendido, como você, como tantos latino-americanos, dessa mesma cepa. Os que abraçaram essa perspectiva porque ela tem alguma coisa de filosófico, que é o respeito pelo saber do outro, pelo saber do diferente, pelo saber menosprezado, pelo saber não teórico. O fenômeno não é exclusividade nossa. Os colegas da sócio-histórica, por exemplo, e outros, também pareciam ir por aí. Isso não significa adotar uma perspectiva teórica como uma crença, não criticar, mas acreditar que ela tem uma contribuição e vale a pena desenvolvê-la.

MAUXI – E também esse reconhecimento da igualdade do conhecimento, não ter superioridade, ter paciência. Condutas democratizantes.

AA – É isso que eu sentia. Eu percebia isso nos colegas da nossa geração, porque trabalhar com a representação social, desse ponto de vista, quando você entende a epistemologia da representação, que você abraça essa epistemologia, que você considera que é toda uma forma de ver o mundo, ela tem a ver com a minha visão de mundo. Faz parte da minha causa. E eu acho que, mais ou menos, na nossa geração, muita gente foi assim.

MAUXI – Você acha que isso aconteceu mais com os latino-americanos do que com os europeus?

AA – Não. Eu acho que são diferentes de nós, lógico! São maneiras culturais, mas eu acho que essa chama existe, ou pelo menos existiu na nossa geração. Coincidiu que a nossa geração tinha essa coisa pioneira, que é esse idealismo, essa generosidade, e abraçou as representações sob essa forma. Não é para dizer que “eu inventei a representação no Brasil. Fui eu quem trouxe a representação para o Brasil... fui eu, hein! Não vá dizer que foi você...” Se agora contarem essa história diferente, pouco me importa! Os vencedores contam a história à sua maneira, e nós estamos saindo de cena! Então, a nossa maneira não vai continuar. Isso é o processo da vida, ninguém é indispensável, ninguém é imortal, tem uma coisa que é desrespeitosa, mas faz parte da vida.

MAUXI – Este é o processo que nos seduziu e continua até hoje.

AA – Foi o que me seduziu, de cara, quando eu comecei a entender o que Moscoviçki dizia e comecei a ler. Eu disse: “Gente! É isso que eu precisava saber!”. Foi isso que me levou a seguir esse caminho.

Este livro, além de se endereçar a todos aqueles da psicologia social, também é recomendado aos estudiosos das áreas de História, Saúde, Filosofia, Antropologia, Educação e Psicologia, à medida que as análises realizadas por Angela Arruda indicam, cada vez mais, os limites arbitrários entre as diferentes áreas do saber.

O valor deste livro-homenagem, organizado pelo CIERS-ed/FCC, está em reunir 17 estudos preservando-se a unidade de pensamento que escapa ao leitor de obras isoladas. E, por facilitar o acesso do leitor e do pesquisador a estudos publicados desde a década de 1990, que merecem ser reunidos e compartilhados dada a sua atualidade.

Dessa forma, a obra oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho da pesquisadora e, desse modo, avaliar com mais segurança a teoria das representações sociais e seu impacto no âmbito brasileiro.



ISBN 978-85-7292-337-8



9 788572 923378